

Aspectos da estrutura organizativa do Partido em Lenin pré-1917*

Giovanny Simon Machado** e Soraya Franzoni Conde***

Resumo:

Este artigo sintetiza alguns aspectos fundamentais sobre a estrutura organizativa da concepção partidária de Lenin em seus escritos até 1917. Trata-se de uma pesquisa de natureza bibliográfica que analisou escritos de Lenin desde o início de sua trajetória política até os derradeiros momentos da Revolução Russa de Outubro-Novembro de 1917. Ao mesmo tempo que Lenin mantinha uma rigorosa defesa da organização vertical e hierárquica pelo princípio do centralismo, ele também defendia uma expressiva horizontalidade e descentralização das atribuições políticas em sua concepção de Partido.

Palavras-chave: revolução; partido; socialismo; vanguarda.

Aspects of the Organizational Structure of the Party in Lenin's Pre-1917 Writings

Abstract:

The article synthesizes some fundamental aspects of party organizational structure in Lenin's pre-1917 writings. It is based on a bibliographic research project that analyzed Lenin's writings from the beginning of his political trajectory until the final moments of the Russian Revolution of October-November 1917. We argue that at the same time that Lenin maintained a rigorous defense of vertical and hierarchical organization according to the principle of centralism he also defended a strong horizontalism and decentralization of political attributes in his concept of party.

Keywords: Revolution; Party; Socialism; Vanguard.

* Este artigo é fruto de um tópico reformulado da dissertação de mestrado, intitulada *A têmpera da tempestade: o partido em Lenin até 1917*, defendida em março do corrente ano, no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Ver Machado (2017).

** Mestre em Serviço Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis-SC, Brasil. End. eletrônico: listasme@gmail.com

*** Doutora em Educação pela UFSC, professora do Departamento de Estudos Especializados em Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC e colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social/UFSC, Florianópolis-SC, Brasil.

End. eletrônico: sorayafconde@gmail.com

Introdução

O contexto russo, até fevereiro-março de 1917, era marcado pela vigilância policiaesca da autocracia e pela intensa repressão a todos os movimentos populares, mesmo aqueles que não se propunham a derrubar a monarquia, mas sim reformá-la. As lutas sindicais que se reduziam a reivindicações imediatas, como melhores salários e condições de trabalho, eram duramente reprimidas. Nesse contexto, conformaram-se tendências centralistas e clandestinas no desenvolvimento do movimento socialista russo, distintas da Europa ocidental.

A proposta “centralista” como modelo de Partido, defendida por Lenin, logo se transformou numa acalorada polêmica. Rosa Luxemburgo, por exemplo, em 1904, tomou as dores dos mencheviques que acusavam Lenin de “ultracentralista”. Uma das defesas que Lenin faz do centralismo encontra-se na Carta a um Camarada. Nesta obra, de 1902, o líder revolucionário esboça uma determinada estrutura organizativa para o Partido Operário Socialdemocrata Russo (POSDR) em São Petersburgo. Ali são estabelecidos alguns dos princípios básicos da sua compreensão de partido. Nesse período, Lenin defendia a organização do Partido a partir de “dois centros”, o Órgão Central (doravante OC) e o Comitê Central (doravante CC).

O centralismo pelos dois centros

Com o objetivo de manter o caráter conspirativo do movimento e, ao mesmo tempo, assegurar sua continuidade, Lenin propõe a criação dos dois centros dirigentes, que assumem tarefas distintas. Enquanto o Órgão Central se ocuparia das atividades “ideológicas” por meio do jornal, o Comitê Central seria responsável por aquelas de cunho mais executivo e organizativo: edição, distribuição, preparação de manifestações, organização de comitês, distribuição de tarefas, entre outros. Mas os dois não poderiam agir de forma isolada, como observa o autor:

A unidade de ação e a necessária identificação entre esses dois grupos deverão ser assegurada não somente pelo programa único do partido, mas também pela composição de ambos os grupos (é necessário que tanto no OC, quanto no CC, existam pessoas plenamente identificados entre si) e pela organização de reuniões regulares e constantes entre eles. Somente então, por um lado, o OC se coloca fora do campo de ação dos gendarmes [polícia política] russos, o que lhe proporcionará

¹ O jornal é destinado principalmente a exercer o trabalho de convencimento ideológico e teórico das massas. Para Lenin, o “jornal pode e deve ser o dirigente ideológico do partido, desenvolvendo as verdades teóricas, as situações táticas, as ideias organizativas gerais, as tarefas gerais de todo partido, neste ou naquele momento” (Lenin, 2005: 138).

serenidade e continuidade; é, por outro lado, o CC, será sempre solidário com o OC em tudo aquilo que é fundamental estará suficientemente livre para assumir o comando direto de todo o aspecto prático do movimento. (Lenin, 2005: 139).

Naquele contexto, essa era a condição de uma relativa paz e estabilidade para que fossem elaboradas as políticas do partido sem serem abruptamente interrompidos. Muitos membros do OC, aliás, buscavam o exílio em países de democracia burguesa mais sólida, como é o caso, por exemplo, de Lenin, que estava exilado na Suíça. Fora da Rússia, encontravam as condições materiais necessárias para a dedicação exclusiva às atribuições relativas à direção ideológica. Era no estrangeiro que se constituiria “uma base *inicial* de operações para o assalto revolucionário” (Lenin, 2005: 244 – grifo do autor).

Dois anos mais tarde, em *Um passo à frente*, Lenin se depara com a necessidade de avaliar os desdobramentos da proposta elaborada na *Carta a um Camarada* e em *Que fazer?* Segundo o revolucionário, o centralismo se baseava em duas ideias principais: “A primeira, a ideia do centralismo, definia em princípio o modo de resolver todos os numerosos problemas de organização particulares e de pormenor” (Lenin, 1982: 244). Por meio do centralismo, era possível resolver os inúmeros conflitos decorrentes de minúcias e de “querelas mesquinhas”, para usar as palavras do autor. Compreendido como o princípio da *liberdade de opinião e unidade na ação*, o centralismo seria capaz de homogeneizar o trabalho da social-democracia, até então dispersa.

Essa primeira ideia do centralismo deveria, de acordo com Lenin, “penetrar todos os estatutos” (Lenin, 1982: 244). O centralismo, como instrumento operacionalizador da unidade na ação, era um princípio, portanto, inegociável. Realizar uma verdadeira unidade partidária, considerando todos os agrupamentos como uma única organização, não era possível sem definir de antemão como se *realiza* essa unidade. Afinal, se cada grupo permanecesse atuando segundo suas próprias vontades, a unidade seria fictícia e o POSDR seria apenas um nome, um “guarda-chuva” que abarcaria os grupos que se manteriam em desarmonia, cada qual atuando conforme seus desígnios.

No que concerne à segunda ideia do centralismo, para Lenin, se tratava de criar um órgão ideológico dirigente, isto é, um jornal, levando em conta “as necessidades temporárias e específicas precisamente do movimento operário socialdemocrata russo, nas condições de um regime de escravidão política” (Lenin, 1982: 244). A ideia de se constituir um jornal como dirigente ideológico separado da liderança prática, estava condicionada ao momento histórico e político da Rússia de opressão czarista. Tratava-se de um “afastamento aparente do centralismo, na criação de *dois centros*” (Lenin, 2005: 244 – grifo do autor). O

aparente desvirtuamento do centralismo era apenas temporário, enquanto persistisse a “escravidão política” do regime da autocracia czarista que colocava em risco a integridade física dos dirigentes ideológicos do Partido.

Sobre um possível “fracionamento” das atribuições práticas e teóricas, há uma nuance quase imperceptível: enquanto o jornal tem que dirigir ideologicamente, e “desenvolver as verdades teóricas”, ele também aponta como responsabilidade do OC a caracterização “das ideias organizativas gerais”, as “situações táticas” e “as tarefas gerais de todo Partido”. Estas não seriam também atribuições práticas?

O que diferencia ambos os centros dirigentes parece estar no nível em que ocorre esse processo. Enquanto o CC mantinha uma relação com os demais comitês e sua tarefa era dirigir *diretamente*, portanto, cotidianamente; o OC se restringia a um nível mais *indireto*, longínquo e impessoal, por meio do jornal. Manter relações pessoais e corriqueiras poderia colocar em risco – em caso de captura, tortura e delação – toda uma estrutura organizativa que levaria anos para se recuperar.

Lenin atribui grande importância ao problema da autocracia como empecilho à organização partidária. Em *Que fazer?*, livro publicado em 1902, nosso autor expõe vários dos princípios organizadores de sua concepção de partido. Ao fazer um balanço dos anos precedentes da formação da socialdemocracia, caracteriza a Rússia como um “país autocrático, com uma imprensa completamente subjugada, numa época de terrível reacionarismo político que reprimia mínimas manifestações de descontentamento e de protesto político” (Lenin, 2010: 70).

Sua interlocutora, a revolucionária polonesa Rosa Luxemburgo, faz uma ligeira comparação da autocracia czarista na Rússia com as leis de exceção alemãs que vigoraram no período bismarckiano, cujo alvo eram os socialdemocratas. Para a autora, os dois países têm em comum o domínio policial (Luxemburgo, 1999). Lenin é mais incisivo e considera a autocracia czarista um monstro “em comparação com o qual a lei de exceção num país constitucional mais parece um pigmeu” (2010: 84-85). Enfrentar esse monstro, essa tarefa gigantesca, continua o líder bolchevique, “é a *mais revolucionária* de todas as *tarefas imediatas* do proletariado de qualquer outro país” (grifo do autor). Afinal, “a destruição do baluarte mais poderoso, não só da reação europeia, mas também [...] da reação asiática, tornaria o proletariado russo a vanguarda do proletariado internacional” (2010: 85). Em 1917, quinze anos depois, a história demonstraria a percepção fina deste líder revolucionário.

Por essa razão, a formulação de Lenin encontra acabamento prático nos estatutos do POSDR e nas discussões do II congresso, em 1903. Nos relatórios do II Congresso há um registro do *Informe sobre os Estatutos do Partido*, em que

o autor argumenta que sua proposta consiste na divisão de funções. Para ele, “divisão em dois corpos centrais, por exemplo, não se deve à sua divisão geográfica (Rússia e no exterior), mas sim à consequência lógica de uma divisão de funções”² entre liderança prática e liderança ideológica (Lenin, 1964)³.

As bases do partido

Se existiam centros, existiam também as extremidades. Na estrutura organizativa (e hierárquica) do modelo de partido de Lenin há um elemento central para nossa análise: os comitês locais. A estes órgãos *dirigentes locais* é atribuída a tarefa de conduzir o movimento *in loco*. Nesta perspectiva, o autor afirma que:

Nas condições de um comitê único e não duplo⁴, a questão dos contatos pessoais dos membros do comitê com grande número de operários assume significado especial. Para dirigir tudo aquilo que acontece no meio operário, é necessário estar em todas as partes, é necessário conhecer muita gente, todos os caminhos, etc. Por essa razão, deverão estar no comitê todos os principais dirigentes do movimento operário oriundos da própria classe operária; o comitê deverá dirigir todos os aspectos do movimento local, chefiar todos os organismos, todas as forças e todos os meios locais do partido (Lenin, 2005: 140).

Primariamente, em 1902, parece que os comitês locais ainda não têm autonomia suficiente para a elaboração mais ampla das táticas gerais. Ficam no dever das deliberações indicadas pelo Comitê Central. Executam, em nível local, as táticas, as tarefas e defendem as ideias elaboradas pelo Órgão Central. O destaque está na sua composição (de operários mais destacados) e na sua atribuição de “chefiar” o movimento local do partido. Para Lenin, a composição destes comitês locais “é um assunto dos socialdemocratas locais” (Lenin, 2005: 141). Estes, portanto, assumem maior autonomia em relação às definições do trabalho cotidiano.

Mesmo funcionando como órgãos dirigentes do espaço específico, acabavam mimetizando o modo de funcionamento do CC, já que exigiam um caráter restrito de pessoas, tanto pela quantidade como pela qualidade. Lenin defende que as pessoas mais capacitadas estejam na direção prática do conjunto do trabalho (ibid.: 141). Para o autor, era necessário “que a organização local estabelecesse

² Tradução nossa.

³ As citações, nas quais não consta o número da página, estão devidamente referenciadas na bibliografia final. Foram retiradas do acervo *The Marxists Internet Archive* ou *marxists.org*.

⁴ Lenin está se referindo a ideia de que os comitês locais não sejam divididos entre operários e intelectuais, isto é, sejam únicos.

como sua tarefa trabalhar ativamente para construção, apoio e fortalecimento daqueles organismos centrais, sem os quais o nosso partido não poderia existir enquanto tal” (2005: 139).

E como se opera essa construção? Uma resposta primária talvez fosse a construção material, isto é, dar condições financeiras e estruturais para que os organismos centrais possam trabalhar adequadamente. Mas nos parece que não se limita a isso:

1. discussão (reunião dos melhores revolucionários);
2. círculo de distrito, com;
3. círculo de propagandistas para cada um deles;
4. círculos de fábrica, e;
5. reuniões representativas dos delegados dos círculos de fábrica. Estou plenamente de acordo quanto a ideia de que todos os outros organismos (e eles deverão ser muitos e dos mais variados, além dos já citados por você) deverão estar subordinados ao comitê, e que são necessários os grupos distritais (para cidades muito grandes) e de fábrica (sempre e por todas as partes). (Lenin, 2005: 141)

Se os organismos periféricos deveriam trabalhar ativamente para a construção dos organismos centrais, Lenin defende com bastante vigor a necessidade de evitar ao máximo o contato pessoal entre os membros do OC e as organizações locais, bem como as numerosas reuniões entre os comitês locais e os círculos distritais ou de fábricas. Ressalta com severidade a atenção máxima à segurança e ao caráter conspirativo (Lenin, 2005: 142-143).

O círculo distrital era outro agente de suma importância na proposta lenineana. Como ele escreve, “penso que os grupos distritais deveriam ser fundamentalmente intermediários entre os comitês e as fábricas e, antes de mais nada, órgãos transmissores” (Lenin, 2005: 143). Cumpram a função de um elo entre as partes vivas do partido, fazendo todo o organismo se movimentar adequadamente. Com eles “é garantida a ligação regular do grupo especial de distribuidores do distrito com todas as fábricas e com maior número possível de bairros operários do mesmo distrito” (Lenin, 2005: 143).

Em 1902, a estrutura da organização lenineana é significativamente vertical, cujas organizações de base são todas subordinadas aos comitês superiores. Esta verticalização é um elemento constante e universal, com traços de secretismo e clandestinidade. São estes traços absolutamente incontornáveis que tornam necessária a manutenção do menor grau de contato pessoal entre os membros do Partido, impossibilitando inclusive a realização de grandes assembleias ou reuniões amplas e longas. A condição de verticalidade e a ausência de grandes fóruns democráticos são indissociáveis da situação nacional pela qual passa a

Rússia czarista. Nada tem a ver, portanto, com vontade ou personalidade despótica de Lenin. Tratava-se de exigências objetivas, muito concretas e reais. Estas exigências o levaram a considerar que: “Os que querem sob o absolutismo, uma *ampla* organização de operários com eleições, relatórios, sufrágio universal etc., são todos utopistas incuráveis” (Lenin, 2010: 189).

Embora Lenin dissesse que “na cabeça de todo o movimento local, de todo o trabalho socialdemocrata se encontrará o comitê” (Lenin, 2005: 150), estes comitês locais não eram autossuficientes, precisavam das organizações auxiliares mais amplas e que cumprissem distintas tarefas: “Dele partirão os seus organismos subordinados e as seções filiadas, sob forma de, em primeiro lugar, uma rede de agentes executivos que abarcará (na medida do possível) toda a massa operária organizada sob a forma de grupos distritais e subcomitês de fábrica” (Lenin, 2010: 150).

O centralismo ocorre primordialmente nos organismos dirigentes, responsáveis por elaborar e organizar as bases locais em torno da linha do partido. A propaganda desempenha um papel central nesta tarefa. Além de preparar os momentos de agitação, esta constitui o modo concreto pelo qual a direção ideológica do partido se materializa e penetra nas massas de forma crescente, na mesma medida em que também crescem os círculos propagandistas. Pela via do convencimento, se multiplicam também os membros do partido e, portanto, os propagandistas. Para Lenin, “a propaganda deverá ser feita de forma *uníssona* por todo o comitê, a quem corresponde centralizá-la rigorosamente” (Lenin, 2005: 145) (grifo nosso). Volta-se assim ao *duplo* significado do *centralismo*. 1) como uma forma organizativa, que conecta as diferentes estruturas partidárias possuindo um centro de onde provém a vontade partidária, onde se conectam as extremidades; 2) como um *princípio* pelo qual se *opera a unidade* partidária. Realizar a propaganda de forma uníssona significa não admitir vozes dissonantes ou divergências na execução do que foi definido pelo todo. Seja do centro, seja da parte.

A propaganda está necessariamente ligada ao papel dos publicistas e literatos do partido. A separação entre aqueles que formulam e aqueles que executam dentro do partido está calcada na heterogeneidade de funções postas pela própria sociedade de classes. Mesmo assim, Lenin sempre trabalhou para imprimir uma formação interna no partido de eliminar, em gérmen, essa separação antes que ela pudesse ser superada pela transição ao comunismo. Em seu artigo de 1905, intitulado *A Organização do Partido e a Literatura de Partido*, o autor escreve que a “atividade literária deve tornar-se uma *parte* da causa proletária geral, ‘um rodízio e um parafuso’ de um só grande mecanismo socialdemocrata posto em movimento por toda a vanguarda consciente de toda a classe operária” (Lenin, 1986 – grifo do autor).

A tarefa literária deve ser encampada por todos de forma plenamente livre e não mercantil, se opondo às conformações dos seus adversários mencheviques as publicações brevemente legalizadas daquele ano. Para ele, uma imprensa livre é aquela que é controlada pela massa de trabalhadores e não a que elogia a arrogância intelectual pequeno-burguesa. Portanto, conclui o autor, a “atividade literária deve tornar-se uma parte do trabalho partidário socialdemocrata organizado, planejado, unificado” (Lenin, 1986). Uma noção de imprensa revolucionária e livre que entra em conflito aberto com a noção vulgarmente creditada a Lenin: a de vanguarda, em que um grupo de intelectuais manteriam o controle do partido, enquanto a massa proletária seria apenas dirigida por eles. Ora, ele defendia o oposto: o pleno controle dos trabalhadores organizados. Em suas palavras: “O proletariado socialista organizado deve seguir todo este trabalho, controlá-lo todo, introduzir em todo este trabalho, sem qualquer exceção, a corrente viva da causa proletária viva” (Lenin, 1986). O intelectual, o literato deveria estar no interior do partido, dentro de suas organizações e não acima delas, afinal os jornais pertencem às diferentes organizações do partido. Assim como os literatos, as editoras, depósitos, lojas, salas de leitura, bibliotecas e diferentes comércios de livros devem obrigatoriamente, segundo Lenin, “tornar-se do partido e estar sujeito à prestação de contas” (Lenin, 1986).

Eram os comitês locais os responsáveis pela organização da propaganda e de todos os assuntos locais, tendo como suporte os organismos subordinados a eles e os responsáveis por cada aspecto dessa organização, como a impressão e a distribuição dos panfletos por meio da rede descrita:

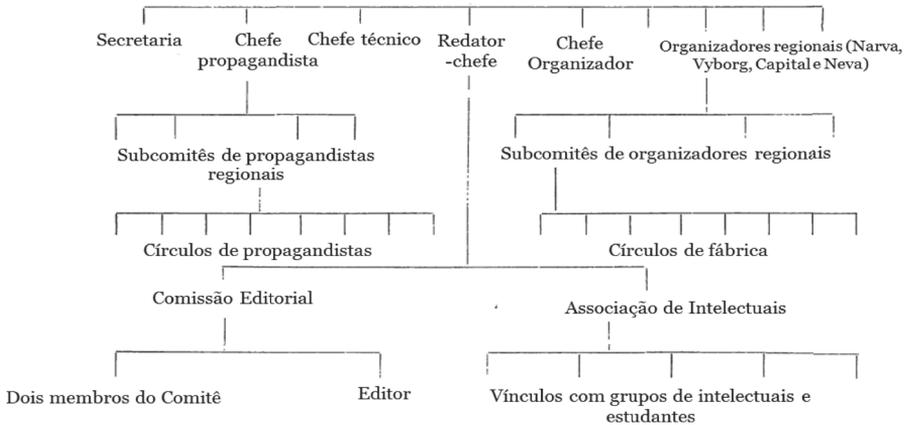
O comitê atribui alguns de seus membros a organização de um grupo de propagandistas (que será uma filial do comitê ou um dos organismos deste). Esse grupo, utilizando por razões conspirativas os serviços dos grupos distritais, deverá efetuar a propaganda em toda a cidade, em toda a localidade que está sob a direção do comitê. Se necessário, esse grupo poderá criar subgrupos, transferir a outras suas funções, mas tudo isso sobre a condição de que tais medidas sejam ratificadas pelo comitê, o qual deverá ter sempre, incondicionalmente, o direito de enviar um delegado seu cada grupo, subgrupo, ou círculo que, de um modo ou de outro, participe do movimento. (Lenin, 2005: 145).

É evidente o caráter centralizador da organização na direção do movimento entre os membros do partido. Toda e qualquer medida tomada pelos círculos inferiores deveriam ser ratificadas pelo comitê ao qual estavam subordinadas. O centralismo instituído vertical e horizontalmente, acaba por estabelecer uma hierarquia burocratizada, com “grupos de funcionários auxiliares, grupos de transporte, de imprensa, os dedicados à organização de aparelhos, grupos de

contraespionagem, grupos de militares, de fornecimento de armas e aqueles criados para organizar empresas financeiras rentáveis etc.” (Lenin, 2005: 146).

David Lane analisou a composição e o funcionamento de vários comitês locais do POSDR. No Comitê de São Petersburgo, por exemplo, os comitês locais diziam respeito às províncias, não se limitando à municipalidade, então a região de abrangência deste comitê era muito maior do que apenas a capital. Segundo Lane, em janeiro de 1903, o Comitê era composto por “vinte e cinco círculos de fábrica e usinas, um grupo propagandista de vinte e cinco homens, grupo de escritores de cinco, e um grupo de estudantes de vinte e quatro. Estima-se que, em maio de 1903, o Comitê, incluindo o *Iskra*, possuía entre cinquenta e cem membros” (1968: 67 – tradução nossa). A figura abaixo evidencia bem a estrutura organizativa do partido em 1904.

Figura 1 - Estrutura organizativa do Comitê de São Petersburgo do POSDR em 1904



Fonte: Adaptado de Lane (1968: 70).

Percebe-se uma grande variedade e heterogeneidade de atribuições com as quais os comitês locais devem lidar. Estas atribuições devem ser distinguidas entre aquelas que cabem a todo e qualquer partido e as que dizem respeito à realidade de uma ordem burguesa repressora. Assim, os “grupos de estudantes e grupos de secundaristas, grupos de funcionários auxiliares, grupos de transporte, de imprensa, de criação de empreendimentos rentáveis” são atribuições que nenhum partido ou organização poderia prescindir. Fazem parte do seu âmago, cumprem a função ideológica junto ao proletariado. As várias parcelas e categorias que compõem as organizações estudantis representam o interesse

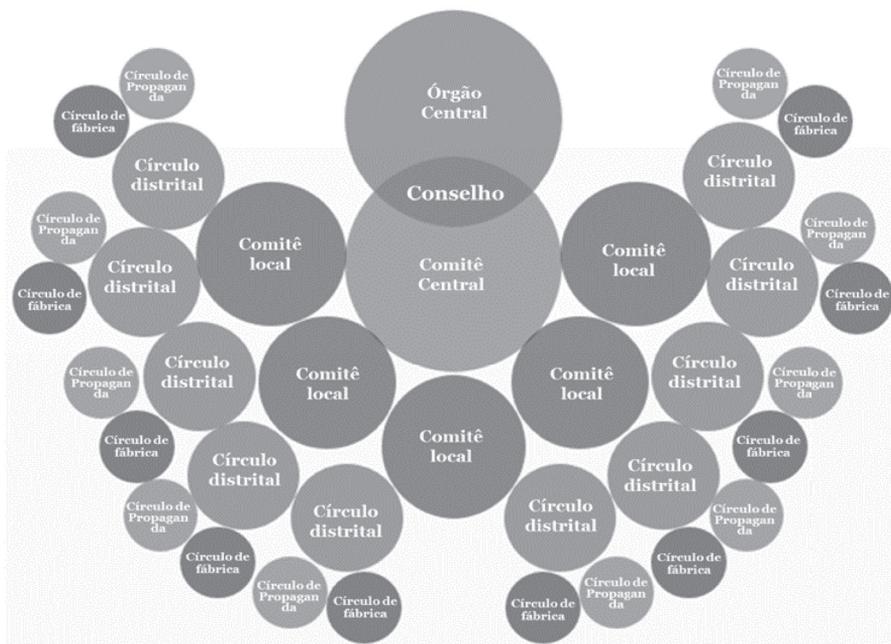
em organizar a heterogeneidade do todo da classe. Aqui está presente a ideia de que toda “a arte de uma organização conspirativa consiste em saber utilizar tudo e todos, em dar trabalho a todos e até, conservando ao mesmo tempo a direção de todo movimento” (Lenin, 2005: 147). A divisão do trabalho proposta por Lenin não é igualitária, é polivalente, utilizando diferentes capacidades de acordo com as necessidades colocadas pelo trabalho revolucionário (Lenin, 2005: 147). Trata-se de aproveitar as capacidades já desenvolvidas de cada indivíduo, a fim de empregá-las a serviço do Partido. Evidentemente, não há espaço para erros e tampouco tempo para treinamento. O autor é enfático ao dizer que as pessoas incapazes não podem ocupar os espaços da propaganda, sob pena de “rebaixar seu nível”.

O centralismo, apesar de impor um modelo de organização verticalizado e hierarquizado, não se instituía, pela noção preconizada por Lenin, como uma autoridade anômala, um poder artificial que se imporia ao movimento de massas do proletariado, mas sim como uma *conquista* da sua legitimidade, do seu respeito e da coerência. Pois a direção do movimento se dá “não pela força do poder, mas pela força da autoridade, por energia, maior experiência, amplidão de cultura, habilidade” (Lenin, 2005: 146).

Desde os primeiros anos do século XX, Lenin enunciou a necessidade de uma combinação de tipos de organização que deveria servir ao partido nos seus objetivos. O partido, enquanto núcleo dirigente fundamental deveria ter espraia-do uma série de organizações de todos os tipos, inclusive das mais flexíveis, as organizações *loose*, livres, de acordo com seu vocabulário. Estas, não sendo regradas por definições formais, livres e amplas, enquanto dirigidas pelos restritos e reduzidos comitês.

Um Partido onde todos os seus membros fazem de tudo, correria o risco de se tornar impotente, tanto pelas heterogêneas capacidades individuais próprias da divisão social do trabalho da sociedade burguesa, quanto pela abrangência dos desafios a vencer num contexto de extrema complexidade. Neste sentido, era necessária uma descentralização que, na perspectiva de Lenin, “não é senão o outro aspecto dessa divisão do trabalho que, por consenso geral, representa uma das mais prementes exigências práticas do movimento” (Lenin, 2005: 155). O gráfico a seguir ilustra bem esta centralização/descentralização da estrutura do partido.

Figura 2 - Estrutura geral do partido



Fonte: Autoria pessoal.

No cerne da proposta lenineana de 1902, encontra-se um exército de agentes executivos dirigidos por um centro coeso e protegido. Trata-se de um movimento que pulsa do centro às extremidades, numa comunicação e retroalimentação permanentes. O centro é o núcleo *radial* de todo o organismo partidário, como provedor, receptor e novamente provedor. Se couber uma comparação metafórica com um organismo vivo, o Órgão Central seria o cérebro onde todas as ações gerais mais amplas são pensadas e elaboradas, enquanto o Comitê Central seria o coração que bombeia as forças a cada uma das extremidades cuja responsabilidade e atribuição foram pensadas pelo primeiro. Na medida em que são gastas as energias, as informações sobre as condições e resultados das ações implementadas pelas extremidades, cada qual com sua função, retornam ao centro que poderá reelaborar sínteses, repensar, corrigir, redividir os trabalhos e funções, “metabolizando” aquele conteúdo em novo fôlego prático, sendo posto em marcha novamente pelo CC. Num constante refazer, cada membro do partido é responsável por desempenhar tarefas nos seus grupos, tomando todas as medidas para que tanto o CC como o OC tenham o maior conhecimento

possível da composição de cada um dos grupos. Todo o mecanismo, assim como todo o conteúdo desse trabalho deve ser conhecido. Como escreve Lenin,

Isso é necessário para que o centro tenha o quadro completo de todo movimento, possibilitando com isso o recrutamento, dentre o maior número possível de pessoas, de algumas para as diversas funções do partido; para que a experiência de cada grupo possa ser transmitida (por meio do centro) a outros grupos semelhantes de toda a Rússia e, finalmente, para que possamos nos prevenir quanto ao aparecimento de provocadores e pessoas duvidosas. Como realizar essa organização? Por meio de informes regulares ao comitê, comunicando ao OC a maior parte do conteúdo do maior número possível desses informes, organização de visitas a todos os círculos pelos membros do CC e do comitê local e, finalmente, ponto obrigatoriamente em lugar seguro (no birô do partido junto ao CC e OC) os contatos com esses círculos, isto é, os nomes e endereços de vários membros desses círculos. [...] Somente então todo partido estará em sua totalidade em condições de aprender com cada um dos círculos que desenvolve um trabalho prático. (Lenin, 2005: 152-153).

Esta preocupação esteve presente na preparação do III congresso do POSDR, quando Lenin, no artigo *A Convocação do Terceiro Congresso do Partido*, de fevereiro de 1905, afirmou que era necessário registrar e dividir toda a experiência acumulada entre os vários setores do partido durante as primeiras lutas travadas no calor da Revolução daquele ano. O autor afirmava que a “experiência coletiva de todos os socialdemocratas que tenham sido de alguma forma ativos no movimento será de valor inestimável. Mas temos de reunir esta experiência o mais rapidamente possível e disponibilizá-la para a discussão no Congresso” (Lenin, 1962 – tradução nossa). Lenin se referia à experiência de organizar resistências armadas: “Foi-nos prometido o relatório de um camarada que ajudou a organizar centenas de trabalhadores para a resistência armada no caso de um programa anti-judaico em uma certa cidade grande” (Lenin, 1962 – tradução nossa).

Dessa forma a horizontalidade se opera, pois, a organização invariavelmente precisa se capilarizar por todos os poros da sociedade, mas só o faz de forma organizada e pensada por quem tem as condições e conhece a *totalidade* do movimento, e é exatamente aí que se opera também a dimensão vertical. Assim, no constante vaivém de horizontalidade/verticalidade, os comitês locais e círculos possuem uma autonomia local e são responsáveis por elaborar o “conteúdo, composição e mecanismo” do trabalho prático a ser executado e que, no mesmo e constante movimento, deve retornar ao centro depois.

Este movimento fica particularmente evidente quando analisamos a carta de Lenin anunciando a criação do *Vperyiod* em 1904, quando o grande líder do Comitê Central, fez um apelo às organizações para que escrevessem semanal-

mente para eles, não apenas sobre os informes obrigatórios, mas sobre o *cotidiano*, sobre, como escreve o autor, o “sentimento predominante e o cotidiano, o ‘desinteressante’, o monótono, o lado rotineiro do movimento” (Lenin, 2002). O apelo era para que os relatos fossem informais e, principalmente, abordassem as chamadas questões menores: “enviem-nos cartas particulares, não destinadas a contribuições para o jornal, ou seja, não para publicação, mas por meio de relações de camaradagem com os editores e para mantê-los informados, e não apenas sobre fatos e incidentes” (Lenin, 2002).

Conclusão: forma radial de organização do partido

A análise da concepção de partido em Lenin evidencia que a divisão de tarefas e o centralismo se aproximam das características do trabalho capitalista criticadas por Marx, com uma divisão social do trabalho entre os que pensam e os que executam e especialização fragmentada. No entanto, essa divisão foi fundamental para manter a segurança do partido em momentos de extrema violência e repressão, onde eram comuns pessoas infiltradas e vazamento de informações. Tratou-se de uma forma eficiente e rápida de cumprir tarefas e alcançar objetivos, ainda que distante do ideal de formação humana vislumbrado por Marx e pelos marxistas numa sociedade emancipada. O centralismo, seguido à risca, tanto no processo de elaboração ideológica, quanto na coordenação das tarefas práticas, se ramifica na execução do conjunto de atribuições do partido para com o movimento. Há, portanto, uma centralização composta de uma descentralização, da mesma forma em que há uma verticalidade composta de uma horizontalidade, pois para Lenin era preciso “implantarmos a máxima *descentralização* quanto à responsabilidade e quanto a sua informação sobre todas as engrenagens da máquina partidária” (2005: 155 – grifo nosso).

Esta preocupação se expressa no cuidado e na valorização do aspecto cotidiano e corriqueiro, ligado umbilicalmente com uma perspectiva geral de transformação revolucionária da sociedade, é o que dá a Lenin o seu status singular na política e na história da luta de classes, como reconhecido por inúmeros intelectuais marxistas.

O aprimoramento que o marxismo recebeu com Lenin consiste meramente – meramente! – na ligação mais interna, mais visível e plena de consequências de ações singulares com o destino revolucionário de toda classe trabalhadora”. É por isso que as questões que parecem tão sem importância para um observador qualquer, assumem um significado vital para Lenin: “Significa apenas que a questão do presente - já como questão do presente - tornou-se ao mesmo tempo, um problema fundamental da revolução” (Lukács, 2012: 31).

Entre agosto e setembro de 1917, Lenin escrevia no exílio uma de suas mais importantes obras: *O Estado e a Revolução*. Fazia um balanço das experiências das revoluções russas de 1905, mas se viu “impedido” de concluir por causa da crise política que precipitou o processo revolucionário. E como um grande líder, assinala: “não tive tempo de escrever uma linha, sequer. Só temos que nos alegrar com um ‘impedimento’ dessa espécie. Sem dúvida, deve ser deixada para muito mais tarde a redação da segunda parte deste opúsculo”. E conclui: “é mais útil e mais agradável fazer ‘a experiência de uma revolução’ do que escrever sobre ela” (Lenin, 2010a: 141).

E veio a Revolução de Outubro!

Bibliografia

LANE, David (1968). *The Roots of Russian Communism*. A Social and Historical Study of Russian Social Democracy 1898-1907. Pennsylvania: Pennsylvania State University Press.

LENIN, Vladimir Ilitch (2010). *Que fazer?* Problemas candentes do nosso movimento. São Paulo: Expressão Popular.

_____ (2010a). *O Estado e a Revolução*. O que ensina o marxismo sobre o Estado e o papel do proletariado na revolução. São Paulo: Expressão Popular.

_____ (2005). Carta a um camarada. In: BOGO, Ademar (org). *Teoria da organização política*: escritos Engels, Marx, Lenin, Rosa, Mao. São Paulo: Expressão Popular.

_____ (2002). *Statement and Documents on the Break of the Central Institutions with the Party*. Lenin Internet Archive. Disponível em: <<<https://www.marxists.org/archive/lenin/works/1904/dec/09a.htm>>>. Acesso em 22 de janeiro de 2017.

_____ (1986). A organização do partido e a literatura do partido. In: *Obras Escolhidas*. Tomo 1. Lisboa: Avante. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/lenin/1905/11/13.htm>>. Acesso em 27 de janeiro de 2017.

_____ (1982). Um passo à frente, dois passos atrás. In: *Obras Escolhidas*. Tomo I. São Paulo: Alfa Ômega.

_____ (1964). Second Congress of the R.S.D.L.P. Report on the Party Rules. In: *Collected Works*. Moscow: Progress Publishers, vol. 6. Disponível em: < <https://www.marxists.org/archive/lenin/works/1903/2ndcong/15.htm#v06zz99h-492>>. Acesso em 16 de janeiro de 2017.

- _____ (1962). The Convening of the Third Party Congress. In: *Collected Works*. Moscow: Foreign Languages Publishing House, vol.8. Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/lenin/works/1905/feb/28.htm>>. Acesso em 26 de janeiro de 2017.
- LUKÁCS, Geörgy (2012). *Lenin: um estudo sobre a unidade de seu pensamento*. São Paulo: Boitempo.
- LUXEMBURGO, Rosa (1999). *Organizational questions of the Russian Social-democracy*. Marxism or Leninism?. Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/luxemburg/1904/questions-rsd/index.htm>>. Acesso em 14 de janeiro de 2017.
- MACHADO, Giovanni Simon (2017). *A têmpera da tempestade: o partido em Lenin até 1917*. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC.